

EDUCAÇÃO É DESBARBARIZAÇÃO: REFLEXÃO SOBRE FORMAÇÃO CULTURAL E SEMIFORMAÇÃO EM ADORNO

*Tamires Dias dos Santos**

RESUMO: Tendo como sustentáculo teórico, em especial, as obras do frankfurtiano Theodor Adorno, este trabalho objetiva refletir acerca das questões relacionadas ao processo de industrialização da cultura cujo desenvolvimento é intrínseco ao processo de dominação do capitalismo tardio. Amparada pelos pressupostos da teoria crítica da sociedade, o presente artigo visa refletir sobre a formação dos sujeitos dentro deste panorama histórico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Adorno. Formação. Indústria Cultural. Resistência.

EDUCATION IS DEBARBARIZATION: REFLECTIONS ON CULTURAL FORMATION AND SEMIFORMATION IN ADORNO

ABSTRACT: Through the texts of the authors of the Frankfurt School, especially Theodor Adorno and Max Horkheimer, this work aims to reflect on the questions related to the industrialization process of culture, whose development is inherent to the process of control of late capitalism. Starting from the principles of critical theory of society, this research hopes to reflect on the formation of the subjects in this cultural-historical context.

KEYWORDS: Adorno. Formation. Cultural industry. Resistance.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da rede básica de ensino do município de Vitória da Conquista-BA.

E-mail: tamirespedagoga13@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8509-7918>

O conceito de *bildung* e os seus desdobramentos

A palavra alemã *bildung* remete a um conceito polissêmico, carregado de conotações que genericamente se traduz como formação e educação para o português. *Bildung* não se resume a uma única acepção, mas antes de tudo, é uma palavra carregada por um riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, desenvolvimento, *vorbild*, modelo, entre outras. Todavia, utilizamos *bildung* para nos referirmos à formação do indivíduo no sentido de uma formação cultural (SUAREZ, 2005, p.193).

O termo *bildung* associado à ideia de formação e cultivo firma-se no final século XVIII e início do século XIX, como elemento cultural motriz na Alemanha fortemente presente nas seguintes áreas: literatura, filosofia e pedagogia. Uma das principais razões para a criação do princípio da educação enquanto “cultivo de si” surge a partir de motivações advindas da derrota da Prússia pelo exército de Napoleão Bonaparte, que gerou de forma gradativa uma valorização da educação como um meio de superação da derrota militar, tendo como pano de fundo as datas 1806/1807 que vinculava um projeto de reconstrução da nação pela via de uma reforma profunda na educação (Cf. WEBER, 2011).

O filósofo alemão Wilhelm Von Humboldt foi uma das grandes referências no encabeçamento de reformas das instituições escolares e na fundação de uma universidade alicerçada no abandono dos princípios utilitários. O projeto humboldtiano tinha por objetivo superar os antagonismos entre as forças opostas da vida, isto é, natureza e cultura, indivíduo e sociedade, reconciliando-as, portanto. Este projeto se baseava no ideal de conciliar as atividades opostas do homem e promover a partir disso a harmonia na personalidade.

O esforço formativo e pedagógico, no século XIX na Alemanha, de restituir a harmonia da interioridade do indivíduo com a exterioridade do mundo desencadeou profundas modificações no cenário cultural, político e econômico alemão, que ficou conhecido como neo-humanismo. Britto (2012, p. 222), nesse sentido, afirma:

A bildung, tanto em nível psicológico quanto em um nível institucional, foi o que permitiu aos alemães, pela primeira vez, resgatar certa unidade simbólica, uma imagem como nação. Somente a ideia de cultura que nasce dos indivíduos e que se estende sob a forma de um espírito popular, um *Volksgeist*, parecia ter força ideológica suficiente para recuperar uma identidade cultural que para a Alemanha, como uma série de estados independentes e gradualmente fragmentados, era particularmente difícil.

A primazia sobre o sujeito é o sentido formativo endossado pelo neohumanismo. A necessidade de se reportar à interioridade humana, entendendo-a enquanto *locus* essencial para um novo horizonte educativo é a aposta de Humboldt para demarcar um novo campo para o desenvolvimento pedagógico da cultura. Esse novo registro educacional pode ser expresso sinteticamente através do conceito de *Bildung*. É necessário ressaltar que este conceito está numa posição diametralmente oposta à outra

perspectiva cultural, na qual sua acepção conceitual era denominada *Kultur* que era a cultura compreendida em seu aspecto externo aos homens, isto é, às instituições estatais, aos códigos civis e jurídicos.

Numa série de ensaios do livro *Indivíduo em formação* Bárbara Freitag (2001) salienta que a *bildung* dos alemães, bem como o conceito de paidéia dos gregos da Antiguidade Clássica teve um peso crescente depois de uma derrota política e moral, um ideal político e comunitário que serviu como princípio norteador da reconstrução social do país (Leiam-se, Peloponeso na Grécia e invasões napoleônicas na Europa).

Daí que esses múltiplos significados conceituais do termo alemão “*bildung*” é abordado principalmente a partir de filósofos como Humboldt, Kant, Hegel e, contemporaneamente foi utilizado por Adorno de forma enfática em suas obras, com o objetivo de elucidar uma mudança social no que tange a uma educação (*Erziehung*) mais ampla, que possa trilhar caminhos de uma sociedade mais justa em que o homem possa agir com autonomia, liberdade e discernimento no que se refere às esferas da vida.

A aposta na autonomia enquanto caminho real para transcender a realidade objetiva é o fundamento da *Bildung* na qual os frankfurtianos, em especial Adorno e Horkheimer, depositam suas esperanças. Ou seja, a autonomia enquanto imperativo, cujo sentido pode ser atribuído a uma finalidade politicamente revolucionária. Adorno, Horkheimer, Fromm, Loewenthal e seus pares rejeitavam a tradição que compreendia a *Bildung* por um viés idealista; e tinham fortes objeções contra correntes teóricas que pretendiam analisar o indivíduo alijado das condições materiais que o circunda. O esforço da teoria crítica visava renunciar a *Bildung* idealista, no entanto, sem abrir mão dela enquanto possibilidade emancipatória do esclarecimento. Esse esforço revela que o escopo da formação voltada para a autonomia, para a reflexão individual, não visa um subjetismo; não significa a promessa de um eu autocentrado e, portanto, fechado para realidade (GUR-ZE'EV, 2006, p. 14).

Evidentemente que Adorno e Horkheimer tinham plena compreensão de quão complexo é a efetivação de uma proposta contra-hegemônica, tal como uma formação para a emancipação numa sociedade predominantemente unidimensional. Como realizar tal projeto numa sociedade cujo espaço para o indivíduo é quase inexistente? Como resgatar os valores iluministas, utilizando o esclarecimento a favor da emancipação da classe oprimida? Como pensar tal intento numa sociedade que racionaliza o sofrimento humano, aumentando os juros de um país mesmo que isso leve ao desemprego e a fome, com a justificativa de ser uma medida fundamental para a saúde da economia?

Embora Adorno e Horkheimer façam duras críticas ao esclarecimento, eles não estão se opondo, de modo completo, aos seus pressupostos, a saber, razão, ilustração, autonomia, emancipação. O fato de o esclarecimento ter sido apropriado pela burguesia e se transformado em instrumento de dominação, não significa que sua outra possibilidade tenha sido eliminada, isto é, sua possibilidade emancipatória. A proposta da *bildung* é consequência da necessidade de contraposição, de resistência à sociedade de massas que apesar de bem administrada do ponto de vista burocrático, está longe de contemplar as necessidades

humanas mais urgentes. O alto nível de racionalidade, de progresso tecnológico não é capaz de solucionar a miséria no mundo, embora tenha condições de sobra para tanto. Eis a contradição com a qual Adorno se confronta.

Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda), a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente (ADORNO, 2010, p. 9).

Essa constatação de Adorno atesta o fracasso de um projeto cujo intento visava, em última instância, a emancipação por meio da ilustração. A proposta de realizar o conceito de cultura como liberdade não foi levada a cabo, dado que os movimentos revolucionários que almejavam transformar o mundo ocidental não obteve êxito em suas investidas. Os mais emblemáticos ideais (liberdade, igualdade, fraternidade) síntese da revolução francesa não foram consolidados no interior da cultura ocidental ao longo dos séculos que sucederam a referida revolução.

O esclarecimento no interior do processo da ascensão burguesa foi apropriado de modo que inviabilizou uma cultura na qual os sujeitos fossem livres. Adorno afirma que houve uma cisão do campo de forças característico da formação. De fato, o oposto ocorreu: o desenvolvimento da burguesia estabeleceu os pilares da sociedade administrada, guiada para o progresso. A totalidade social administrada se estruturou dentro do princípio de competitividade dos mercados com prerrogativa da necessidade de domínio sobre a natureza. A técnica, nesse contexto, ganhou primazia sobre a sociedade, promovendo, assim, uma formação cultural voltada para a dominação não só da natureza, mas também do próprio homem.

Com o desenvolvimento das forças produtivas no século XIX, o trabalho fabril se complexifica. Ao tornar o trabalho mais complexo, os trabalhadores passam a desenvolver atividades específicas. Ocorre, então, o processo de intensificação da especialização: cada trabalho deveria fazer tão somente uma coisa. Nesse modo de organização do trabalho o trabalhador, apesar de ser agente direto na produção de um determinado produto, é abstraído dele, uma vez que a produção industrial passou a ter uma finalidade geral das necessidades sociais. Se o trabalhador dispende seu tempo em troca de salário na fabricação de um artigo de luxo não é para satisfazer sua carência, mas as necessidades da totalidade social. Karl Löwith tomando como referência a ótica hegeliana a respeito do trabalho esclarece as consequências desse processo.

O reverso dialético dessa universalização dos trabalhos, que constituiu um sistema de trabalho, é a sua especialização; do mesmo modo que a simplificação dos trabalhos, sua especialização em uma atividade particular conduz à sua multiplicação [...]. Quanto mais o homem se livra da concreção natural e se submete à natureza, tanto mais se torna dependente dela, pois enquanto cada um só sabe elaborar uma particularidade abstrata, tanto mais incapaz ele será de satisfazer todas as demais carências (LÖWITH, 2014, p. 293).

A temática da dominação da natureza pelo homem é nodal em Adorno. Se se quiser deslindar o efeito do capitalismo na perspectiva histórico mundial notar-se-á seu caráter de dominação planejada. Os modos de produção se desenvolveram de tal modo que ensejou ao homem o poder de não só desbravar a natureza, mas também de tê-la em suas mãos. O grau de complexidade e subdivisão das atividades do trabalho, porém, desenvolveu um sistema – orientado pelo anseio de acúmulo de capital – cujo desenvolvimento construiu uma sociedade de massas. O progresso, então, se desenvolveu de forma dupla; de um lado promoveu a liberdade, por outro, a opressão. O domínio quase irrestrito sobre a natureza conduziu as massas à opressão pela cultura em vigor. A organização social administrada e guiada pelo consumo dominou seu principal alvo, a saber, o homem.

Todavia, o duplo caráter do progresso não é tão somente um mau uso da ciência, significa, sobretudo, a existência de uma potencialidade desumanizadora das raízes da própria empreitada científica. Adorno e Horkheimer se referem à dialética da razão evidenciando a emergência do racionalismo ocidental, esboçando, assim, uma inclinação à “dominação progressiva” associada à dois pontos essenciais do escopo científico, a saber, a redução do qualitativamente diferente a uma identidade quantitativa, cujo ápice desse sentido se consolida na “*Science is Measurement*”, somado ao domínio da natureza. A dominação da natureza mediada pela técnica levaria à instrumentalização dos homens (Cf. LOWY; VARIKAS, 1992, p. 210).

Que o progresso científico desmistificou uma série de crenças supersticiosas do passado mítico é algo incontestável. Porém, ao dirimir verdades míticas, o progresso introduziu uma nova mistificação: a crença de que o homem é o senhor da natureza e, portanto, exerce sobre ela uma função de domínio e não de relação.

“A dominação da natureza se reproduz no interior da humanidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 92). O progresso traz como consequência, segundo Adorno, a visão de que a dominação sobre a natureza é legítima e necessária. Por exemplo: um dos alvos deste processo é a mulher. “A mulher traz o enigma da fraqueza” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 92). A suposta fraqueza, sensibilidade, impotência, passividade feminina estão inscritas culturalmente enquanto características inassimiláveis postas pela natureza. A mulher representa a natureza e, portanto, torna-se objeto de domínio. Do mesmo modo ocorreu com os

Autóctones subjugados nas primeiras formações estatais, assim como no caso dos indígenas nas colônias, atrasados relativamente aos conquistadores em termos de organizações e armas, bem como no caso dos judeus entre os arianos, o desamparo da mulher é a justificação legal de sua opressão (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 92).

O lugar e a função social da mulher é antes de tudo uma construção, uma delimitação demarcada pelos homens. A suposta “natureza passiva” da mulher é que torna sua subserviência justificada com o registro da suposta identidade feminina; tal preconceito torna a mulher minoria política ainda que

quantitativamente seja maioria. Tal constatação um tanto quanto pessimista é o resultado de um progresso que, ao invés de amenizar os aspectos destrutivos da natureza, tornou mais próximo e real a opressão entre os humanos. Auschwitz, por exemplo, é o clímax da barbárie, embora Adorno advirta que possa não ter sido a catástrofe em sua totalidade. Diante de uma consideração sombria como esta é que Adorno sentencia a necessidade urgente de repensar a formação, refletir sobre as balizas que sustentam a visão educacional hodierna, não só do ponto de vista escolar, mas, sobretudo, dentro da totalidade social.

Educação contra barbárie

Nas primeiras linhas do texto *Educação após Auschwitz* Adorno estabelece uma exigência para a educação, a saber, *Auschwitz* não deve se repetir. A relevância deste imperativo é tamanha que dispensa justificativas. A urgência dessa responsabilidade educacional se deve ao fato de que embora o evento histórico *Auschwitz* tenha ficado no passado, as condições de sua ressurgência ainda existem. Mas o que isto significa? Mesmo um grau de regressão tão grande tal qual o extermínio de judeus¹ ter se encerrado nos livros de história, a barbárie pode novamente ser posta em prática se houver condições para a regressão. Nesse sentido faz-se mister indagar quais condições são estas? Quais razões poderiam legitimar novas formas de barbárie, num mundo que já vivenciou o holocausto?

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso relevar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos (ADORNO, 2011e, p. 121).

É de suma importância, portanto, compreender as razões que levaram os culpados, os responsáveis a cometer as barbáries. No debate *Educação contra a barbárie* Adorno esclarece sua definição de barbárie. Grosso modo, barbárie é a não correspondência entre o alto grau de desenvolvimento tecnológico da sociedade e o próprio desenvolvimento das pessoas, isto é, por um lado, há um contumaz avanço técnico-científico, no entanto, facilmente é possível constatar com certa constância, por parte das pessoas, sentimentos primitivos: ódio, agressividade, desejo em eliminar o outro, ou pelo menos eliminar os direitos do outro, para no mínimo “pô-lo no seu lugar”.

No texto *O que significa elaborar o passado* Adorno salienta que o fascismo não tinha como único sentido a promoção do sofrimento, da destruição, da morte, embora este tenha sido o mais patente. O outro significado evidenciado por Adorno diz respeito àquelas pessoas que não tinham objeções ao fascismo, pelo contrário, “muitos viveram muito bem sob o fascismo” (ADORNO, 2011a, p. 38). No

¹ Válido lembrar que não só judeus foram exterminados, mas também ciganos, homossexuais, intelectuais e todos aqueles que não estavam em consonância com os ideais da autoproclamada superioridade ariana.

entender de Adorno há pessoas que não são exatamente forçadas a apoiarem regimes antidemocráticos, elas estão, ao fim e ao cabo, alinhadas com o autoritarismo. A cega adaptação ao poder imperante de uma época pode levar a ausência de auto-reflexão, à inabilidade para reagir.

Personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independente de seu conteúdo, no fundo dispõem só de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada dos mesmos (ADORNO, 2011a, p. 37).

No texto *Antissemitismo e propaganda fascista* Adorno elenca as três características da abordagem psicológica da propaganda fascista, no contexto, norte-americano. 1) os agitadores fascistas costumam ser falastrões, fazem discursos inflamados de tendência apologética cujo alvo da apologia é ele próprio. Eles se apresentam como homens simples que se identificam com seus ouvintes e não são nada senão os arautos do grande líder que está por vir. Eles alegam terem poucas necessidades financeiras para em seguida solicitarem pequenas quantias de dinheiro. 2) São sempre enfáticos na defesa do movimento fascista, embora não deixem claro qual é o seu fim, para onde ele conduzirá as massas (ADORNO, 2015, p. 140). 3) Os discursos estão sempre embasados no moralismo, isto é, os fascistas defendem a pátria, a família monogâmica e heterossexual, o reino dos céus, a defesa da propriedade privada e o fim do comunismo que só existe na cabeça deles.

O poder nazista promoveu o ódio em larga escala, disseminando-o por todos os lugares onde houvesse qualquer diferença: cultural, religiosa e étnica. Sobre o lastro do patriotismo, do nacionalismo exacerbado foi justificado o delírio pela perseguição obstinada ao outro, ao diferente. Abandonar a autonomia é um elemento indispensável para a consolidação de tal sociedade autoritária. A psicanálise, diz Adorno, enfurecia os nazistas em função de seu caráter de autoconsciência crítica e não exatamente por conta da origem judaica de Freud. A abdicação do eu, da autonomia, da reflexão é aquilo que enseja as condições propícias para a consolidação do autoritarismo. O que impera, portanto, é a adaptação.

A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. Este é reforçado pela insatisfação e pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação (ADORNO, 2011a, p. 43-44).

Adaptar-se, conformar-se a ordem objetiva dos fatos foram prerrogativas do nazismo e são de qualquer outro sistema autoritário. “O anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 154). Com estas palavras Adorno e Horkheimer iniciam a VI parte do texto *Elementos do antissemitismo*. A projeção é falsa, quando ela se efetiva como mimese. Somente a mimese se assemelha ao mundo externo. “[...] a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 154). Os sentimentos e impulsos dos sujeitos lhes pertencem, no entanto, não admitem possuí-los, ou seja, eles os atribuem ao objeto para o qual eles destinam aqueles

impulsos. Em outras palavras, o assassino sempre imputa à vítima a culpa por seu desejo de perseguição. A falácia de tal projeção significa que o sujeito que a realiza não consegue distinguir naquilo que ele projeta o que é próprio dele e o que lhe é estranho. A projeção dos sentidos reporta a pré-história animal do homem com a finalidade de garantir sua autoconservação mediante a busca por comida, água etc.

Para Adorno e Horkheimer o indivíduo recria o mundo exterior a partir do que este proporciona aos seus sentidos. A partir disso se forma o ego, “[...] aprendendo a conferir uma unidade sintética, não apenas as impressões externas, mas também as impressões internas que se separam pouco a pouco daquelas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 155). O sujeito se constitui a partir da riqueza que o mundo externo lhe dá. Há aí uma relação. Quando esta relação é rompida o ego torna-se pétreo. Quando, por outro lado, o sujeito se limita a registrar positivamente tudo o que lhe é alheio, ele está condenado a apenas repetir. A mediação na qual o pensamento é induzido a refletir sobre os dados sensórios que recebe é que se torna possível impedir a ossificação do espírito. É crucial que o sujeito tenha a consciência de que há um mundo externo com o qual ele se relaciona, porém é diferente dele, é outro. Assim se realiza a projeção consciente.

Mas como é possível uma falsa projeção, uma projeção não consciente? A resposta está na incapacidade de diferenciar o que é o objeto pensado daquele que pensa. Quando isso ocorre há uma identificação na qual foi eliminada a relação entre sujeito e objeto. Esta inabilidade consiste em não mais conseguir devolver à realidade o que dela recebeu. Assim se radica no sujeito sua miséria; ao abrir mão da reflexão ele nem pensa sobre si nem sobre o que recebe do mundo externo. Ao invés de ter em si a capacidade para legislar, pensar, refletir, decidir, o sujeito se abriga no conforto de estar ao lado da maioria e, assim, imputa a outrem o dever de decidir sobre si. Isto ocorre de tal forma que o mundo externo torna-se o sucedâneo de sua individualidade.

O puro esquema do poder enquanto tal, que domina totalmente tanto os outros quanto o próprio eu rompido consigo mesmo, agarra o que se lhe oferece e insere-o em seu tecido mítico, com total indiferença por suas peculiaridades. O ciclo fechado do que é totalmente idêntico tornar-se o sucedâneo da impotência (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 157).

Para que o sistema triunfe é necessária a total adesão dos sujeitos a ele. O sistema não pode correr o risco de perder sua coesão concedendo grande autonomia aos seus membros. O poder autoritário opera de modo não só coercitivo, mas também fazer com que os sujeitos submetidos se identifiquem com o poder. Do ponto de vista psicológico, o fascismo tem por característica o controle metódico do impulso mimético. O *Führer* propicia às massas a possibilidade de satisfazer o desejo de identificar-se com um padrão. Num modelo político guiado por um líder carismático e detentor de poderes ilimitados, ocorre o fenômeno da idealização, isto é, o indivíduo idealiza atributos e qualidades em outras pessoas que ele próprio não está apto a alcançar. Como não consegue atingir seus objetivos idealistas não há outra

possibilidade, para o indivíduo, senão, lançá-lo para um objeto externo para na sequência se identificar e se satisfazer com ele (Cf. ROUNANET, 2001, p. 131).

Neste cenário a projeção falsa se efetiva. Na projeção consciente há a inscrição do sujeito no objeto externo, ele projeta aquilo que adveio de si, de sua reflexão; não há vazios, nesse sentido, haja vista que o exterior sofre alterações parciais da interioridade do indivíduo. A falsidade da projeção consiste na sua arbitrariedade: o indivíduo recebe estímulos provenientes do mundo externo, contudo, não produz a partir deles quaisquer reflexões, e uma vez não refletindo sobre a realidade não pode devolver a ela nada mais do que ela já tinha lhe oferecido, prescrito.

O caráter da falsa projeção está radicado na irreflexão porque prescinde de reflexão. A projeção consciente modifica na subjetividade reflexiva o que recebe da realidade. Quando este processo é corrompido a realidade se apresenta como único vetor de produção de sentido, pois ela não é de modo algum alterada pelo sujeito que a percebe. Por este mecanismo projetivo o indivíduo tão só reconhece o já conhecido e se apraz com ele, de modo que não o transcende do ponto de vista crítico.

No caso do nazismo a representação de poder na qual a massa se mira e glorifica está no líder carismático e poderoso. Na indústria cultural, por outro lado, tal situação não é possível de ser reproduzida. Numa sociedade guiada para o consumo não é possível nem profícuo concentrar as expectativas e aspirações das massas numa única pessoa. O mercado de massas precisa necessariamente de muitos elementos, figuras, personagens pelos quais possa engendrar novos modelos de satisfação pessoal. Para tanto, a indústria cultural lança mão de ídolos novos, quais sejam, artistas, políticos, atletas, modelos que incorporam o significado da “verdadeira beleza”, além de objetos de consumo, músicas de sucesso. O objetivo aqui é o mesmo daquele do nazismo, isto é, os indivíduos devem vocalizar os desejos e expectativas previamente estabelecidas por uma realidade que lhe é externa.

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 104).

A interdição do pensamento e da reflexão é o fator central para a consolidação da dominação. A indústria cultural sabe que não pode privar os indivíduos de seu potencial projetivo, porém tem consciência que pode comprometê-lo de tal modo que pode torná-lo falso. Parafraseando Adorno e Horkheimer, a indústria cultural não dá folga a ninguém, nem mesmo nos momentos de ócio. Esta asserção aparentemente pessimista pode ser honestamente compreendida levando em consideração um dos *telos* da indústria cultural, que é a consecução da falsa projeção. A indústria cultural não dá descanso, pois ela precisa subtrair o quanto pode o poder reflexivo dos indivíduos e anulá-lo se possível.

A não resistência, a passividade, a mera adequação a ordem objetiva dos fatos constituem o receituário de um poder econômico que visa o lucro e, para tanto necessita elidir o poder da autorreflexão. “A falsa projeção é o usurpador do reino da liberdade e da cultura; e paranoia é o sintoma do indivíduo semicultivado” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 161). Aqui é aduzido um importante conceito com o qual Adorno pensa a semiformação ou semicultura. Mas como é possível uma semicultura, uma cultura incompleta? Por quais razões uma cultura pode ser insuficiente? Tais indagações são devidamente esclarecidas no interior da obra de Adorno, nas questões que envolvem o processo formativo do indivíduo no contexto de uma sociedade de massas guiadas pela técnica e em prol do consumo.

Com a ascensão e consolidação da burguesia a cultura se difundiu globalmente, derrubando fronteiras e penetrando nos mais diversos lugares do mundo. No entanto, o processo de emancipação dos homens não se deu paralelamente ao avanço do esclarecimento no âmbito da técnica e da produção de conhecimento. Na medida em que a realidade social se apartava da consciência cultivada, ela era conduzida para a reificação. A cultura, então, transforma-se numa mercadoria, sendo difundida tal qual uma informação, sem compromisso de promover reflexão. Nessa conjuntura o pensamento é enfraquecido; condenando-o, assim, a assimilar tão somente fatos isolados. O pensamento acaba tendo por exercício assimilar o já dado e alijar-se de quaisquer desafios conceituais, pois estes representam incômodo e perda de tempo (Cf. ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 163).

É preciso trazer à luz, com o intuito de esclarecimento, os pressupostos que balizam o indivíduo semiculto. O texto *Teoria da semiformação* expõe os elementos que embasa esse aspecto da consciência atual:

Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda), a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente (ADORNO, 2010, p. 9).

Adorno evidencia a princípio o caráter contraditório de uma cultura, cujos pilares se sustentam no esclarecimento e que, no entanto, não conduz a consciência a uma real formação. Nesse sentido, é necessária uma teoria abrangente, ou seja, uma teoria que compreenda o escopo geral de uma dada cultura, investigando as finalidades de suas pretensões econômicas. Contudo, a cultura, admoesta Adorno, jamais deve ser apreendida enquanto algo fixo. Sempre que a cultura foi compreendida como um estado de coisas inalterável ela foi entendida enquanto uma mera adaptação – do ponto de vista da subserviência – à vida real; interditando assim, na visão de Adorno, a possibilidade dos homens se emanciparem.

Adorno desenvolve a ideia de semiformação, mais precisamente, dentro do contexto da indústria cultural. Esta indústria é a matriz organizadora das aspirações, desejos, sonhos dos indivíduos no capitalismo tardio, de tal modo que a realidade é previamente estruturada a partir dos pressupostos da referida indústria. Ela opera sobre o aparelho sensorial dando-lhes modelos constantemente reafirmados

como os melhores para consecução de uma vida plena de satisfação. Os discursos da indústria cultural são erigidos de modo supostamente racional, uma vez que são apresentados argumentos coerentemente construídos; no entanto, o objetivo real é elidir o poder racional dos indivíduos.

A indústria cultural vocaliza as expectativas do capitalismo, criando formas de criar personalidades incautas, subservientes aos prazeres imediatos proporcionados pelo riso fácil frente à TV, ou a momentos de catarse quando o sujeito assiste o sucesso de um artista que um dia, quem sabe, poderá vir a ser. Essa lógica se reafirma em si mesma, ratificando a ideia de que o improvável existe e que pode transformar a vida de cada um a qualquer momento. As condições históricas e sociais ficam reduzidas a ideologia meritocrática na qual o individual tem não só precedência como também prevalência. É precisamente esse registro ideológico que justifica o sucesso merecido dos agraciados por um sistema econômico disposto a premiar aqueles que merecem.

A semiformação estrutura uma situação social na qual, pelo menos tendencialmente, todos são alimentados por diversos meios com bens formativos, no entanto, por outro lado, os conteúdos da formação são apropriados pelos mecanismos do mercado e adaptados à consciência daqueles que são privados de uma formação emancipadora. Não se trata, pois, da formação ser destinada aos privilegiados e outras pessoas serem privadas dela por meio da divisão de classes. A produção e disseminação massificada dos bens culturais pela indústria cultural produz um processo de igualação na maneira pela qual os indivíduos se apropriam subjetivamente, ainda que as profundas diferenças entre as classes estejam longe de desaparecer. A semiformação, portanto, não é a privação de formação das classes oprimidas, mas sim a forma dominante da consciência vigente (ZAMORA, 2010, p. 102). No entanto, Adorno (2010, p. 18) adverte que

A asserção da universalidade da semiformação é indiferenciada e exagerada. Não poderia subsumir, em absoluto, todos os homens e todas as camadas indiscriminadamente sob aquele conceito, mas delineia uma tendência, esboça a fisionomia de espírito que também determinaria a marca época se tivéssemos de restringir quantitativa e qualitativamente o âmbito de sua validade. É possível que inúmeros trabalhadores, pequenos empregados e outros grupos, graças a sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada, não caia nas malhas da semiformação.

Como se percebe, o processo da semiformação tende a uma massificação, embora as possibilidades de resistência não estejam completamente eliminadas. Para a realização de uma formação contra hegemônica é preciso refletir acerca dos obstáculos impostos a ela pela cultura atual. Para tanto, “[...] a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 2010, p. 39). Autorreflexão, porém, não é conceito simples que se reporta ao indivíduo fechado em si mesmo e que considera a realidade que o circunda irrelevante para ele. É preciso, portanto, desvelar as balizas do projeto formativo adorniano no qual encontra guarida na autonomia do pensamento.

Crítica e resistência: elementos para uma educação para emancipação

Quais são, então, os caminhos propostos por Adorno para a realização da *Bildung*? Como erigir as condições fundamentais para a superação das barbáries, reverter o processo de alienação massificada em curso? Como resistir às inescrupulosas investidas da indústria cultural que não mede esforços para eliminar a reflexão crítica? De antemão e grosso modo é possível dizer que é preciso evitar a sedução do imediatismo do raciocínio fácil, adaptativo, cômodo, que devido a seu caráter passivo se entrega facilmente a qualquer um que lhe grite nos ouvidos: “veja, esta é a verdade”.

O filósofo de Frankfurt defende, a contrapelo do modo cômodo de pensar, um pensamento que se engaja visceralmente na tentativa de compreender as entranhas de cada questão investigada. Para tanto, é preciso considerar que uma questão, conceito, ou objeto não é a expressão de suas idiosincrasias, eles expressam relações sociais, materiais, históricas que constituem sua essência e sua aparência. Ao operar nesse sentido, percebe-se uma incoerência, permitindo assim que se descubra as distâncias entre suas promessas e suas realizações efetivas. Por exemplo, é possível analisar, num discurso burguês de defesa da filantropia, no qual está incluso a defesa da justiça, participação social, inclusão, o engodo de que isto está realmente sendo feito.

Em razão disso, Adorno reivindica a urgência da autorreflexão, pois para ele, a causa do ocaso e da coisificação da consciência está na sua incapacidade de pensar sobre si própria e conseqüentemente refletir sobre a realidade que também a forma. Nesse sentido, “Uma observação como essa entra em choque imediato com o pensamento que se isola dos fatos sociais e que se julga independente do estado de escravidão e de miserabilidades gerais (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2010, p. 110).

Ou seja: talvez não seja possível falar em sociedade perfeita por um prisma idealista, mas seguramente a educação que se pretende emancipatória não deve se furtar de pensar a realidade compreendendo-a enquanto contraditória, e, portanto, passível de erros, embustes e enganos. A formação social contemporânea é em grande medida guiada pela indústria cultural que não favorece de modo algum a autenticidade. As experiências oferecidas pela indústria cultural promovem a adequação ao *status quo*, a adaptação ao já existente apreendido em sua forma supostamente natural e não contraditória. Essas experiências criam nos indivíduos “uma segunda natureza” que é, em última instância, a adaptação.

Para Adorno, a educação estaria incumbida precisamente de denunciar a falácia desta experiência semiformal, buscando elementos que contribuam para a resistência contra este deslumbramento totalizante. A educação deve buscar interferir na reprodução do sempre idêntico. Portanto, é necessário romper a força totalizante do pensamento enrijecido, parvo, que considera legítimo tudo que estiver legitimado pela chancela de todos (MAAR, 1996, p. 66). Adorno adverte no debate radiofônico *Educação – para quê?* que emancipação não é idealismo, uma vez que para pensar uma formação autêntica não se pode perder de vista as condições existentes: “Seria efetivamente idealista no sentido ideológico se

quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente” (ADORNHO, 2011d, p. 143).

Nessa passagem Adorno qualifica o existente, as condições históricas, como detentores de um “peso imensurável”, ou seja, as condições materiais, os modos de produção da sociedade são partes inseparáveis da formação da consciência. Por isso é crucial conhecer aquilo que cega a mentalidade e a torna semiformada. Ao compreender a experiência formativa como resultado da relação dos homens com a natureza, a consciência é compreendida como consequência da história concreta da interação que os homens estabelecem entre si e com a realidade.

Em outras palavras, não está no projeto de formação adorniano uma perspectiva educacional voltada para a harmonia, cujo fim é a integração entre indivíduo e estado, indivíduo e ordem econômica. Para Adorno está claro que a sociedade capitalista é uma sociedade de classes. Para tomar consciência disso é preciso uma formação para a resistência, para a ruptura desse estado de coisas. Objetivamente a diferença entre as classes cresce e isso incide diretamente na formação da consciência individual.

Adorno na conferência *Educação contra a barbárie*, transmitida pelo rádio em 1968, afirma que em prol dos poderes dominantes, impera a deformação, o ímpeto destrutivo na maioria das pessoas. Em função dessa situação, ele endossa que a tese central da educação é a desbarbarização. Para o filósofo de Frankfurt, o fim de Hitler, do nazismo enquanto estado, da segunda grande guerra mundial, não decretam de forma alguma o fim da barbárie. Para o autor, torna-se precípua compreender o que faz as pessoas viverem imbuídas de ódio, raiva pelo simples fato de não suportar a ideia de que existem outras pessoas que são diferentes delas em algum aspecto.

O que faz pessoas acreditarem, por exemplo, que o maior problema do mundo é os homossexuais, e, para tornar o mundo melhor, basta erradicá-los? Como é possível que este mesmo argumento possa ser utilizado para massacrar, torturar, assassinar, mesmo que apenas imaginariamente, aquele que não está devidamente adequado aos preceitos e ideias de um dado grupo? Obviamente não encontraremos respostas simples. Mas em *Educação contra a barbárie* Adorno (2011c, p. 155) elucida o que entende por barbárie:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição.

Em razão deste perigo Adorno concede prioridade a desbarbarização, tese a partir da qual se reordenaria todos os outros pressupostos educacionais. A supracitada passagem trata-se de uma

conferência na qual Adorno debate com Hellmut Becker². Este interpela Adorno no sentido de que ele esclareça com maior precisão o que é barbárie e qual ou quais suas origens. Adorno responde dizendo que o problema é sintomático na Alemanha, pois os estabelecimentos de ensino desse país ensinam as pessoas a se adaptarem ao sistema dominante. Becker replica alertando pela necessidade de se pensar a barbárie globalmente. Adorno (2011c, p. 156-157), então responde:

Neste momento estou mais inclinado a desenvolver essas questões na situação alemã. Não por pensar que não sejam igualmente agudas em outros lugares, mas porque de qualquer modo na Alemanha aconteceu a mais horrível exposição de barbárie de todos os tempos, e porque, afinal, conhecemos a situação alemã melhor a partir de nossa experiência viva.

Ainda na conferência radiofônica de *A educação contra a barbárie* Becker sugere um mecanismo para combater o fenômeno da barbárie por meio da educação, a saber, remetê-lo às suas características psicológicas básicas. Adorno (2011c, p. 156), porém, refuta-o e acrescenta: “[...] não apenas aos psicológicos, mas também aos objetivos, que se encontram nos próprios sistemas sociais”. Becker replica dizendo que considera a psicologia como um fator objetivo. Adorno (2011c, p. 156) responde, em seguida, “[...] porém entendo como sendo fatores objetivos neste caso os momentos sociais”. Em outros termos, o que Adorno está sinalizando é que não é possível compreender as causas da barbárie e de toda destruição do mundo hodierno desconsiderando as bases materiais nas quais as relações humanas se constituem.

A posição de Adorno radica-se no campo do debate sócio-histórico concreto no que tange às inter-relações entre sociedade e cultura na formação capitalista. Portanto, o intuito dele é reconstruir a capacidade de pensar o objeto na sua condição objetiva (leia-se, na realidade) que é constituída historicamente. Para tanto, o exercício intelectual formativo, ao gosto da burguesia, é insuficiente (MAAR, 1996, p. 72). Adorno rejeita enfaticamente a possibilidade de tornar acessível todo o conteúdo intelectual, cultural - do humanismo iluminista no qual emergiu a burguesia – a classe operária como uma estratégia satisfatória do ponto de vista da emancipação dessa classe. A ideia de que os homens poderiam ser felizes mediante a acessibilidade à cultura acumulada ao longo dos tempos, na realidade, foi uma possibilidade muito bem apropriada pelo capitalismo. Poder experimentar o júbilo fácil proporcionado pelos bens culturais é uma fórmula astuta empregada pelo capital totalizante, na qual os indivíduos associam a ideia de felicidade a uma satisfação imediata proporcionada pelo consumo.

Para romper com uma cultura afirmativa galgada no ideário da formação burguesa é necessário fixá-la negativamente a fim de contestá-la; mais ainda, de resistir à ela. A formação, portanto, avocada por Adorno não é pensada enquanto uma tarefa externa à realidade. Sendo, então, uma formação imanente ao objeto que pretende investigar, ela não é uma formação afirmativa, mas dialética. É

² Foi jurista alemão, advogado, pesquisador e diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Sociedade Max Planck, de Berlim.

necessário entender o presente em seu deslumbramento orientado pelo modo de produção em vigor. Esse movimento é necessário em vista do desvelamento de uma realidade aparentemente veraz, ideal, porém, na verdade, fetichizada, pois “[...] o mecanismo que fomenta o prestígio de uma formação que já não se acolhe e que, em geral, só obtém atualidade por malograda identificação” (ADORNO, 2010, p. 32).

Adorno, porém, apresenta algumas dificuldades para a realização desse processo emancipatório. A semicultura cultiva o narcisismo coletivo, que se revela um mecanismo a partir do qual as pessoas compensam sua impotência pela satisfação em estarem adequadas à ordem reinante. Essa satisfação é alcançada graças à sua facilidade que pode ser proporcionada por qualquer identificação a um grupo ou instituição legitimada pela maioria. Essa adaptação proporciona a falsa ideia de estar a par de tudo, de ser um esclarecido, um bem informado nos mais diversos aspectos dos problemas sociais. O semiculto comumente se considera perito nos mais diversos assuntos; tece discursos dando respostas simples para problemas complexos e vende truísmos como se fosse uma grande descoberta. Geralmente suas “teses” estão resguardadas por alguma instituição poderosa como a mídia, por exemplo. O semiculto tem respostas para tudo, e as oferece sem titubear.

Está claro que Adorno reivindica a razão que julga por si própria, ou seja, ele reivindica a autonomia bem como Kant. Adorno condena o engajamento somente pela *práxis*, pois não é só insuficiente, como também inadequado. A *práxis* é indispensável bem como a teoria. Elas se complementam. É claro que não é possível esgotar aqui o problema da relação entre teoria e *práxis* na obra de Adorno. O que Adorno procura evitar, ao fim e ao cabo, é a heteronomia dos sujeitos que mesmo dispostos a lutar por sua emancipação abrem mão de sua capacidade teórica e racional de rever suas práticas e, assim, convertem a liberdade em autoritarismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Antissemitismo e propaganda fascista**. In: Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.137-152.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a, p.29-49.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. Educação e emancipação. In: ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b, p.169-185.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **A educação contra a barbárie**. In: ADORNO, T; HORKHEIMER, M. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c, p.155-168.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. Educação – para quê? In: ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

d, p.139-154.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011e.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B; ZUIN, A.S.A.; LASTÓRIA, L.A.C.N. (ORGS.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.

BRITTO, F.L. Identidade cultural e formação individual: a Alemanha do século XIX e a fundação da pedagogia moderna. **Revista de ciências da Educação – Educação e sociedade**. v. 33, n. 118, jan/mar. 2012, p. 217-233.

FREITAG, B. **Indivíduo em formação**. 3 ed: Cortez, 2001.

GUR-ZE'EV, ILAN. A *bildung* e a teoria crítica na era da educação pós-moderna. **Linhas críticas**. V.12, n.22. jan/jun, 2006, p. 5-22.

LÖWITH, K. **O problema do trabalho**. In: LÖWITH, K. **De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard**. São Paulo: Unesp, 2014, p. 287-319.

LOWY, Michael; VARIKAS, Eleni. A crítica do progresso em Adorno. **Lua Nova** n. 27, 1992, p. 201-216.

PUCCI, B; OLIVEIRA, N.R; ZUIN, A.S.A. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROUANET, S.P. Teoria e psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

SUAREZ, R. Notas sobre o conceito de *bildung* (formação cultural). **Kriterion**, n. 112, dez/2005, p.191-198.

WEBER, J.F. **Formação (*bildung*), educação experimentação em Nietzsche**. Londrina: Edel, 2011.

ZAMORA, J. A. Theodor: educar contra la barbarie. In: PUCCI, B; ZUIN, A.S.A.; LASTÓRIA, L.A.C.N. (orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 95-114.

Recebido em: 02 de maio de 2022.
Aprovado em: 25 de maio de 2022.